

RAZÃO PRÁTICA E A QUESTÃO DA TÉCNICA

Practical Reason and the Technical Question

Gustavo Silvano Batista
UFPI

Resumo: A reflexão de Hans-Georg Gadamer sobre a hermenêutica filosófica como filosofia prática pretende afirmar um aspecto essencial de seu pensamento, a saber, *o traço eminentemente prático*. Tal esfera prática encontra-se fundamentalmente ligada a uma tarefa, a defesa da razão prática em detrimento ao domínio da razão técnico-científica, assumida por Gadamer a partir da publicação da obra “A Razão na Época da Ciência” (1976). Assim, neste presente artigo pretendemos discutir a relação entre a noção de razão que, na perspectiva de Gadamer, deve ser compatível com as demandas atuais frente ao domínio da tecno-ciência.

Palavras-chave: Gadamer, razão prática, hermenêutica, técnica

Abstract: Gadamer’s reflection on philosophical hermeneutics as practical philosophy intends to claim an essential aspect of his thought: *the trace eminently practical*. Such practical sphere is fundamentally linked to a philosophical task: the defense of practical reason against to technical-scientific reason, question assumed by Gadamer from the publication of “Reason in the Age of Science” (1976). Thus, in this present article we seek to discuss the relation between a notion of reason that, for Gadamer, must be compatible with the current demands opposite to the domination of techno-science.

Key-words: Gadamer, practical reason, hermeneutics, technics

No debate “Hermenêutica e Ciência Social” (1975), como também na coletânea de ensaios “A razão na Época da Ciência” (1976), Gadamer discute de modo detalhado o caráter fundamentalmente prático da hermenêutica filosófica. Cito Gadamer (1975): “Penso, então, que a tarefa principal da filosofia é justificar o caminho dialógico da razão e defender a razão prática e política contra a dominação da técnica baseada na ciência”¹. Tal afirmação nos oferece um horizonte de discussão que diagnostica nosso tempo, marcado pelo domínio da ciência e da técnica; diante de tal dominação, Gadamer visa reabilitar um âmbito em contínua perda, a *práxis*.

¹ GADAMER, Hans-Georg. “Hermeneutics and Social Science”. In: *Cultural Hermeneutics*. n. 2, 1975, p. 316, tradução minha.

Neste sentido, a hermenêutica filosófica constitui-se, na perspectiva de Gadamer, um posicionamento teórico bastante crítico, pois pretende recuperar a esfera prática, outrora perdida, afirmando ser essa também o próprio âmbito de onde suas questões se originam. Neste sentido, não poderíamos jamais pensar a hermenêutica de Gadamer como um projeto alheio à questão da práxis. Segundo Gadamer,

A compreensão [principal questão da hermenêutica filosófica] é algo mais que a aplicação artificial de uma capacidade. É sempre também o atingimento de uma autocompreensão mais ampla e profunda. Mas isto significa que a hermenêutica é filosofia e, enquanto filosofia, filosofia prática. A grande tradição da filosofia prática [notadamente Aristóteles] sobrevive em uma hermenêutica que tem consciência de suas implicações filosóficas².

Deste modo, reivindicar um pensamento que não desprestige a práxis significa buscar um caminho alternativo no qual o pensamento não se submete à autoridade anônima da ciência e o domínio da técnica, mas que deve ser questionada. Como afirma o próprio Gadamer,

Essa é a finalidade da hermenêutica filosófica: corrigir a falsificação peculiar da consciência moderna, a idolatria do método científico e da autoridade anônima das ciências e defender novamente a mais nobre tarefa da decisão-execução do cidadão de acordo com sua própria responsabilidade – em vez de ceder tal tarefa ao especialista³.

Gadamer descreve nossa condição atual como um momento que se caracteriza essencialmente a partir de uma dicotomia entre teoria e prática; tal dicotomia é afirmada a partir de uma estranha oposição entre ambas. O caráter estranho de tal oposição deve-se ao distanciamento do sentido grego em que não havia mera oposição, mas sim uma distinção de saberes; a partir da oposição moderna, por contraste, a práxis passa a ser relacionada fundamentalmente com o momento da aplicação da ciência, que, por sua vez, é considerada teoria. Diz Gadamer:

A teoria se converteu num conceito instrumental, dentro da investigação da verdade e da aquisição de novos conhecimentos. Esta é a situação básica a partir da qual nos propomos a pergunta “o que é práxis?” Já não sabemos porque, partindo do moderno conceito de

² GADAMER, Hans-Georg. *A Razão na Época da Ciência*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983, p. 76.

³ GADAMER, Hans-Georg. “Hermeneutics and Social Science”. In: *Cultural Hermeneutics*. n. 2, 1975, p. 316, tradução minha.

ciência, somos deslocados na direção da aplicação da ciência, quando falamos de práxis⁴.

Assim, a partir do desenvolvimento moderno das ciências, esta oposição entre teoria e prática se impôs, de acordo com Gadamer, à totalidade da vida social. Daí o caráter supérfluo atribuído atualmente ao pensamento.

Em outras palavras, é graças a esta oposição, resultado do domínio de uma racionalidade moderna e científica, que se encontra atualmente deformada a noção original de práxis tal como reivindicada pela hermenêutica filosófica. Sobre o conceito originário de práxis, diz Gadamer:

Para poder apreendê-lo [o conceito originário de práxis] e entender o sentido da tradição da filosofia prática, é preciso extraí-lo totalmente da relação de oposição com a “ciência”. Aqui não é sequer decisiva a oposição com respeito à “teoria” que certamente se encontra na divisão aristotélica das ciências, tal como o demonstra a bela frase de Aristóteles, segundo a qual só são “ativas” em grau máximo aquelas coisas que estão definidas por seu rendimento de pensamento (Pol. 1325b 21ss). A teoria é, ela mesma, uma práxis. Porém, isto soa aos ouvidos modernos como um sofisma, porque para nós o significado de práxis está definido por aplicação da teoria e da ciência, com todas as conotações herdadas de “práxis” que apresentam a aplicação da teoria pura, como algo impuro, mais ou menos como acomodação ou compromisso⁵.

No ensaio “O que é Práxis? As condições da razão social”, Gadamer parte da necessidade atual da pergunta sobre a práxis que, antes de ser recuperada em seu sentido original, deve ser retomada a partir da modificação realizada pela ciência que a considera apenas em seu caráter instrumental, de aplicação das teorias científicas. Assim, graças a essa degradação da noção de práxis, a ciência se transformou num âmbito do conhecimento que passa a se arrogar como a única capaz de desenvolver conhecimentos que possibilitem o domínio da realidade como um todo. Como afirma Gadamer:

Prescindindo de todo nosso mundo, primariamente apreensível e que nos é familiar, a ciência se converte num conhecimento de contextos domináveis através da investigação isolada. A partir daí, sua relação com a aplicação prática deve ser entendida como situada em sua própria essência moderna. Se for possível apreender e calcular relações abstratas entre condições iniciais e efeitos finais, de maneira tal, que a colocação de novas condições iniciais tenha efeito

⁴ GADAMER, Hans-Georg. *A Razão na Época da Ciência*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983, p. 41.

⁵ GADAMER, Hans-Georg. *A Razão na Época da Ciência*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983, p. 58.

previsível, então, efetivamente, através da ciência, assim entendida, chega a hora da técnica. A antiga vinculação do fato artificialmente, artesanalmente, seguindo modelos dados pela natureza, se transforma num ideal de construção, no ideal de uma natureza realizada artificialmente, de acordo com a idéia. Isto é o que, em última instância, provocou a forma de civilização moderna em que vivemos⁶.

Gadamer visa redefinir a noção de práxis numa realidade, que é a nossa condição atual, na qual o homem tem o poder de manipulação técnica da natureza. Existe, por isso, da parte de Gadamer, uma preocupação ética em termos de um restabelecimento de uma *razão social*. De acordo com Gadamer, o problema da razão social é um produto imanente da conjugação entre, por um lado, o ideal de construção da ciência; e, por outro, o modo de fabricação ou produção técnica. A ligação estabelecida entre ciência e técnica possui um duplo efeito: 1) A técnica científica, como o ofício dos artesãos, é integralmente relacionada a um projeto prévio. Ou seja, a técnica oferece à ciência um caminho de dominação da natureza, e, por extensão, da razão social; 2) A relação com o mundo torna-se empobrecida à medida em que a ciência dissolve toda e qualquer possibilidade de uma experiência comum. Daí a perda de flexibilidade com o mundo, pois podemos nos familiarizar apenas com o funcionamento da técnica, que nos possibilita facilidades e comodidades.

Neste contexto, delinea-se o problema da identidade da razão social pois não existe somente um domínio da ciência, mas toda a vida humana passa a se mover em torno da técnica. Conseqüentemente, a sociedade também passa a caracterizar-se como um lugar no qual os indivíduos se sentem dependentes e impotentes frente às formas de vida que a técnica proporciona. Gadamer coloca esse questionamento da seguinte forma:

Para quem se trabalha aqui? Até que ponto os rendimentos da técnica estão a serviço da vida? A partir daí, delinea-se de uma nova maneira o problema que toda civilização tem enfrentado, isto é, o problema da razão social. A tecnificação da natureza e do mundo natural, em torno, se encontra sob o título de racionalização, desencantamento, desmitologização, eliminação de correspondências antropológicas apressadas. Finalmente, a rentabilidade econômica, um novo motor de uma transformação incessante em nossa civilização – e isto caracteriza a maturidade, ou caso se queira, a crise de nossa civilização – se converte em um poder social, cada vez mais forte. Só o século XX é determinado através da técnica de uma maneira nova, na medida em que lentamente se

⁶ GADAMER, Hans-Georg. *A Razão na Época da Ciência*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983, p. 42.

processa a passagem do poder técnico do domínio das forças naturais para a vida social⁷.

Mesmo com a tentativa, por parte do domínio técnico-científico, de organizar funcionalmente a sociedade com a finalidade de uma situação social mais racional, na qual o domínio técnico dos processos – como é o caso do especialista – deveria substituir a experiência prática e social, ainda permanecem traços essenciais da práxis humana e, portanto, resistentes ao reducionismo técnico-científico, que Gadamer entende como a “base antropológica imutável” formada pelo pensamento em relação à morte, ao trabalho e à linguagem. Esses âmbitos são fenômenos de resistência diante da ameaçadora perda de identidade social do homem que é, na opinião de Gadamer, o principal efeito da penetração da técnica na sociedade pela tecnificação não só do trabalho como também da opinião pública. Conforme diz Gadamer:

Em última instância, numa civilização técnica, é inevitável que não se premie, tanto a potência criadora do indivíduo, como o seu poder de adaptação. Resumindo: a sociedade de especialistas, é, ao mesmo tempo, uma sociedade de funcionários, pois corresponde ao conceito mesmo de funcionário, o concentrar-se na administração de sua função. Nos processos científicos, técnicos, econômicos, monetários e, por suposição, muito mais na administração, na política, etc., tem que se garantir como o quem é, ou seja, como alguém que é empregado para o funcionamento deste aparato. Com esta finalidade é procurado; nisso reside suas possibilidades de ascensão. Ainda quando a dialética deste desenvolvimento é percebida por todo aquele que afirma que, cada vez mais, é menor o número de pessoas que tomam decisões e cada vez maior, o das pessoas que só estão a serviço deste aparato, a moderna sociedade industrial está submetida a uma coação objetiva imanente. Entretanto, isto conduz à decadência na desrazão social⁸.

Diante desta situação, uma reflexão filosófica que recupere o verdadeiro sentido da práxis significa, em termos gerais, um retorno a esta “base antropológica imutável” que se mantêm diante de todas as transformações humanas e sociais. É nesta capacidade que se encontra fundada a constituição fundamental do homem da qual deriva a práxis enquanto um comportamento vital. Gadamer aponta, diante da necessidade da recuperação do sentido da práxis, um primeiro passo. Nas suas palavras:

Para um ser, cujas metas de necessidade se tornaram mais complexas e contraditórias, o que importa é a escolha reflexiva, a

⁷ GADAMER, Hans-Georg. *A Razão na Época da Ciência*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983, p. 43.

⁸ GADAMER, Hans-Georg. *A Razão na Época da Ciência*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983, p. 45.

correta antecipação, a correta ordenação sob fins comuns. Basta pensar nas sociedades de caçadores da pré-história e em todas as surpreendentes conquistas comunitárias que o homem atingiu, naqueles tempos. A maior conquista é a estabilização das normas de ação, no sentido do direito e do delito. Ela surge sobre o eixo de uma instabilidade fundamental do ser humano, única no âmbito da natureza.(...) A sociedade humana se organiza a si mesma levando em conta uma ordem vital comum, de maneira tal, que cada indivíduo a reconhece como comum [e considera como delito sua violação]⁹.

Desta forma, a práxis não se esgota na adequação coletivo-funcional às mais naturais condições de vida. A sociedade humana se organiza pressupondo a relevância de uma ordem vital comum, na qual todo indivíduo a reconhece sempre antecipadamente. A práxis, portanto, está sempre concretamente motivada, preconcebida. Neste sentido, para Gadamer, o que é comum é o que está sempre atuante como parâmetro e condição para a vida humana. Esta condição comunitária e participativa, própria das sociedades humanas, indica, em última instância, o nascimento do conceito de razão. Diz Gadamer: “quanto mais algo se apresenta para todos como convincentemente desejável, tanto mais os homens têm liberdade, no sentido positivo, isto é, verdadeira identidade com o que é comum”¹⁰.

Porém, de acordo com Gadamer, ainda estamos muito distantes de uma consciência comum. A humanidade, frente a tantas crises e experiências dolorosas, não consegue encontrar, por necessidade, uma nova solidariedade. Diante desta sempre nova seqüência de progressos de nossa civilização técnica, estamos cegos para aquilo que se apresenta como imutável, estável em nossa convivência social: *a consciência de solidariedade*. Com esta consciência, a humanidade paulatinamente começaria a se entender como compartilhadora de um mundo comum. Como afirma Gadamer:

Assim como, na superexcitada seqüência de progresso de nossa civilização técnica, estamos cegos para os elementos estáveis, imutáveis de nossa convivência social, assim também, com o despertar de uma consciência de solidariedade, poderia surgir uma humanidade que lentamente começaria a se entender como humanidade, isto é, a entender, que está reciprocamente vinculada, tanto no que diz respeito ao seu florescimento, como à sua decadência e que tem que solucionar o problema de sua vida sobre este planeta¹¹.

⁹ GADAMER, Hans-Georg. *A Razão na Época da Ciência*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983, p. 47.

¹⁰ GADAMER, Hans-Georg. *A Razão na Época da Ciência*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983, p. 49.

¹¹ GADAMER, Hans-Georg. *A Razão na Época da Ciência*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983, p. 55.

Assim, Gadamer aposta em uma futura sociedade que se paute em uma nova solidariedade, na qual é necessário se voltar à autoconsciência daquilo que é mais primordial na sociedade, isto é, a razão prática. Gadamer vê traços desta nova solidariedade numa resistência à técnica que se encontra na crise ecológica, expressão da consciência dos limites da racionalidade técnica, e também nos povos do oriente e no mundo latino. Nas próprias palavras de Gadamer:

Vejo certos traços do mundo latino, que, com uma assombrosa capacidade de resistência, se defende da febre industrial de ganhos, uma alegria da vida natural que encontramos nos países do sul, como uma espécie de demonstração da existência de um centro mais estável de felicidade e de capacidade de satisfação do homem. Pergunto-me se nas grandes culturas estrangeiras, que agora são, pouco a pouco, recobertas tecnicamente pela civilização européia-americana, isto é, China, Japão e Índia, sobretudo, não continuam sobrevivendo, sob o manto europeu e o “Job” americano, algo da tradição religiosa e social de sua cultura milenar que, talvez, na atual situação de necessidade possa despertar a consciência de novas solidariedades conjuntas e obrigatórias, que façam falar a razão prática¹².

Por isso, a resposta de Gadamer à pergunta “o que é práxis?” é “comportar-se e atuar com solidariedade. A solidariedade, entretanto, é a condição decisiva e a base de toda razão social”¹³. É, portanto, estrutural à natureza da práxis uma consciência comum, fundamental, pré-teórica, que efetivamente acontece em toda atuação social. Na perspectiva de Gadamer, a solidariedade diz respeito a um modo de comportar-se que não perde de vista uma consciência básica de pertencimento a uma comunidade, que, por conseguinte, faz justiça ao apelo por um engajamento de recuperação da própria esfera da práxis.

Referências

GADAMER, Hans-Georg. “Hermeneutics and Social Science”. In: *Cultural Hermeneutics*. n. 2, 1975.

GADAMER, Hans-Georg. *A Razão na Época da Ciência*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983.

Doutorado em Filosofia (PUC-Rio)
Professor do PPG em Ética e Epistemologia/UFPI
E-mail: silvanobatista@gmail.com

¹² GADAMER, Hans-Georg. *A Razão na Época da Ciência*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983, p. 56.

¹³ GADAMER, Hans-Georg. *A Razão na Época da Ciência*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983, p. 56.